

gramática generativa

quais deram origem à constituição de uma subdisciplina da linguística conhecida por «semântica formal».

Devido à sua importância para o progresso do estudo das línguas naturais, o impacto da contribuição de Montague no desenvolvimento da semântica formal é usualmente colocado a par do impacto das propostas de Chomsky no que diz respeito ao desenvolvimento da sintaxe. Enquanto o contributo decisivo de Chomsky costuma ser visto como o de ter mostrado a viabilidade de se encarar as línguas naturais como sistemas formais, a contribuição de Montague é, por sua vez, tida como sendo responsável por mostrar que as línguas naturais podem ser descritas como sistemas formais interpretados. Com esta contribuição, passou a ser reconhecido que a semântica das línguas naturais é susceptível de uma análise tão rigorosa como a sua sintaxe.

A ideia nuclear em torno da qual a gramática de Montague é desenvolvida é a seguinte. A sintaxe e a semântica das línguas naturais devem ser entendidas como álgebras por forma a que seja possível estabelecer um homomorfismo h da álgebra sintáctica para a álgebra semântica. Deste modo encontra-se assegurada a possibilidade de atribuir valores semânticos a qualquer expressão e por via I) da atribuição de valores semânticos às suas expressões componentes e'_1, \dots, e'_n , e II) da combinação destes últimos segundo esta sintaxe da expressão e . Os valores semânticos de e'_1, \dots, e'_n são, na álgebra semântica, combinados por operações que são a projecção por h das operações que constituíram sintacticamente e a partir de e'_1, \dots, e'_n . Por conseguinte, a atribuição de valores semânticos a qualquer expressão e é obtida através da atribuição de valores semânticos a cada item lexical (*ver* POSTULADOS DE SENTIDO), e através da definição de regras que estabelecem a combinação sucessiva de valores semânticos em função do modo como subexpressões de e se encontram combinadas sintacticamente (*ver* COMPOSICIONALIDADE). *Ver também* FORMA LÓGICA; COMPOSICIONALIDADE; GRAMÁTICA GENERATIVA; MODELOS, TEORIAS; POSTULADO DE SENTIDO; SEMÂNTICA; SINTAXE. AHB/PS

Dowty, D., Wall, R. e Peters, S. 1981. *Introduction to Montague Semantics*. Dordrecht: Reidel.

Montague, R. 1974. *Formal Philosophy*. Org. e intro. de Richmond Thomason. New Haven: Yale University Press.

Partee, B. 1997. Montague Grammar. In J. van Benthem. e A. ter Meulen, orgs. *Handbook of Logic and Language*. Amesterdão: Elsevier.

gramática generativa Uma gramática generativa de uma LÍNGUA NATURAL L é uma teoria acerca de L que se rege pelas seguintes suposições básicas:

I) L é tomado como o conjunto C , não finito, cujos membros são as frases de L .

Exemplo: tomando o português (L_p) como a linguagem de exemplo, L_p é o conjunto C_p cujos membros são as frases do português: $C_p = \{\langle \text{«o Pedro é alto»}, \langle \text{«o Pedro não é alto»}, \langle \text{«a filosofia é uma ciência empírica»}, \langle \text{«Se o João for ao cinema, o trabalho ficará por terminar»}, \dots \}$

II) a gramática generativa de L é um sistema formal que define intensionalmente o conjunto C e que é constituída por:

II.I) o léxico de L , que é o conjunto (finito) dos itens lexicais de L , e respectiva caracterização linguística.

Exemplo: o léxico de L_p é o conjunto Lex_p cujos membros são os pares ordenados cuja primeira ordenada é uma expressão lexical do português e a segunda ordenada a caracterização linguística dessa expressão (para efeitos do presente exemplo, considerar-se-á que a caracterização lexical contém apenas a indicação da categoria sintáctica): $Lex_p = \{\langle \text{«correr»}, V \rangle, \langle \text{«moreno»}, Adj \rangle, \langle \text{«ferecer»}, V \rangle, \langle \text{«Henrique»}, N \rangle, \langle \text{«eleições»}, N \rangle, \langle \text{«não»}, Adv \rangle, \dots \}$

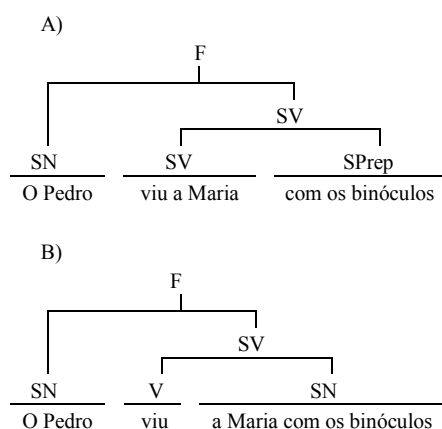
II.II) um conjunto finito R de regras recursivas que fixam quais as concatenações de expressões de L (lexicais e não lexicais) admitidas como sintacticamente bem formadas, e a categoria sintáctica das expressões resultantes.

Exemplo: uma regra sintáctica como $SN \rightarrow Det N$ admite como expressão bem formada a concatenação de uma expressão de categoria Determinante (Det) com uma expressão de categoria Nome (N) e atribui à sequência resultante a categoria Sintagma Nominal (SN). Con-

tinuando com o português como língua de exemplo, ter-se-á como conjunto de regras: $R_p = \{F \rightarrow SN\ SV, SN \rightarrow Det\ N, SN \rightarrow Det\ N\ SAdj, SV \rightarrow V\ SN, \dots\}$.

Este enquadramento metodológico constitui, desde meados do séc. XX, o núcleo da principal corrente teórica no estudo formal da sintaxe das línguas naturais. Esta corrente divide-se em diferentes escolas, as quais se distinguem entre si pelos diferentes requisitos que, a par dos acabados de mencionar, aceitam adicionalmente. Dois dos requisitos mais relevantes são os seguintes: III) a gramática de L associa a cada frase f de L uma estrutura que, se f for ambígua, e para uma determinada classe de AMBIGUIDADES de f , permite a identificação da interpretação de f em causa.

Exemplo: a frase «O Pedro viu a Maria com os binóculos» é ambígua, podendo descrever pelo menos duas situações possivelmente distintas: a situação A, em que o Pedro usou os binóculos para ver a Maria; e a situação B, em que o Pedro viu a Maria e esta estava com os binóculos. De acordo com o requisito III), a gramática L_p do português deverá associar à frase «O Pedro viu a Maria com os binóculos» pelo menos duas estruturas e cada uma delas estará em correspondência com uma das duas interpretações acima apresentadas:



iv) A gramática de uma língua natural particular obedece a uma teoria geral acerca das propriedades das gramáticas das línguas naturais. A essa teoria geral dá-se o nome de gramática universal.

Exemplo: há autores que defendem, com base em dados empíricos cuja complexidade não permite a sua discussão aqui, que as regras de reescrita obedecem ao seguinte padrão geral $SX \rightarrow SY^* X'$ e $X' \rightarrow X SZ^*$ em que X, Y e Z são categorias sintáticas que pertencem a um conjunto que contém, entre outras, as categorias N, V, Adj, Adv e Det (* é um sufixo que indica zero, uma ou mais ocorrências). Este constitui um exemplo de uma das possíveis restrições formais relativas à classe das gramáticas das línguas naturais e, por isso, um possível princípio da gramática universal.

Cabe notar que é frequente confundir-se gramática generativa e generativismo. Este último termo designa uma escola teórica da sintaxe das línguas naturais que tem por principal autor Noam Chomsky e que se distingue, entre outras coisas, por postular que a gramática generativa de uma língua L constitui o conhecimento de L tal como este se encontra representado no cérebro dos falantes de L. *Ver também* ESTRUTURA PROFUNDA. AHB

Gazdar, G. 1987. Generative Grammar. In Lyons, J., Coates, R., Deuchar, M. e Gazdar, G., orgs. *New Horizons in Linguistics*. Londres: Penguin, pp. 122-151.

Newmeier, F. 1980. *Linguistic Theory in America*. Nova Iorque: Academic Press.

Sells, P. 1985. *Lectures on Contemporary Syntactic Theories*. Stanford: CSLI.

grau (de um predicado) O mesmo que ARIDADE.

Grelling, paradoxo de *Ver* PARADOXO DE GRELLING.

Direcção de
JOÃO BRANQUINHO
DESIDÉRIO MURCHO
NELSON GONÇALVES GOMES

ENCICLOPÉDIA DE TERMOS
LÓGICO-FILOSÓFICOS

2005